

VI Jornada Brasileira de Sociologia

Modernidade e Sul Global

Outubro, 2019, Pelotas/RS

GT4 – RAÇA, GÊNERO E CLASSE

O Trauma Colonial: Ficção racial, tempo e poder

O Trauma Colonial: Ficção racial, tempo e poder

José Juliano Gadelha¹

Resumo

Esta comunicação enseja uma sociologia para o estudo de sociedades marcadas pelo trauma da colonização moderna. Aqui, a noção de trauma é ela própria de modulações social e cultural, uma vez que se efetua no campo das relações sociais e se reproduz via as marcações culturais que, por sua vez, estão fixadas na ficção racial que separa humanos e não humanos, humanos vivíveis e humanos matáveis. Compreender o trauma em alguma perspectiva sociológica diz a princípio do fato de como poder e dominação exercem forças de adoecimento no corpo social. Quando falo em trauma colonial, estou diretamente informando que a ferida colonial continua aberta, gerando toda má sorte de assombros. A colonialidade e o racismo a ela inerente longe de cessarem suas forças via abolição da escravatura e independência das ex-colônias revelam como a dominação sobre certas raças (negras e indígenas, no caso brasileiro) se atualiza constantemente. A metodologia e a teoria seguem os rastros da Sociologia Imaginativa de Avery Gordon em uma encruzilhada com as linhas anticoloniais de Achille Mbembe, Denise Ferreira da Silva, Frantz Fanon, Gayatri Spivak, Grada Kilomba e Jota Mombaça.

Palavras-chave: Colonialidade; Racismo; Trauma.

Estava falando do tempo. É tão difícil para mim acreditar no tempo. Algumas coisas vão embora. Passam. Algumas coisas ficam. Eu pensava que era minha memória. Sabe. Algumas coisas você esquece. Outras coisas, não esquece nunca. Mas não é. Lugares, os lugares ainda estão lá. Se uma casa pega fogo, desaparece, mas o lugar – a imagem dela – fica, e não só na minha memória, mas lá fora, no mundo. O que me lembro é de uma imagem flutuando lá fora, fora da minha cabeça. (MORRISON, 1988, p. 35-36, tradução minha)

Introdução

Este artigo parte da premissa de Avery Gordon (2008) de que os assombros constituem mensagens de como a matéria das estruturas sociais e suas instituições são fantasmáticas, uma vez que estão se movimentando sem uma ordem coerente entre tempo,

¹Artista, Escritor e Pesquisador Mestre em Artes (ICA/UFC), Mestre em Sociologia (UFC) e Bacharel em Ciências Sociais (UFC). Contato: jjulianogadelha@gmail.com

espaço e poder que atualiza a colonialidade e o racismo mesmo com mudanças na política, na economia, nos paradigmas científicos, nas vanguardas estéticas etc. O chamado a que este texto tenta disparar é o de compreender o princípio traumático da racialização que faz percebermos certo mundo como o Mundo sob todos os outros mundos. Embora, como advirta Grada Kilomba em *Plantation Memories*², o racismo seja uma problemática fabricada pelos sujeitos brancos e que eles devem ser responsáveis por resolvê-la, o enfretamento desse problema como experiência de cura se torna crucial aqueles sujeitos que sofrem a opressão causada pelo problema. Não se trata de construir pensamentos como “sujeitos-efeitos”³ das tecnologias racistas, tampouco de fazer algum conhecimento preso a crítica da ficção racial como se gerar modos de pensar estivessem sempre refém de um mesmo assombro. Trata-se de saber-se definido por designações do Mundo e ultrapassar as definições desse mundo. É necessário que os sujeitos racializados como o negro e o indígena estejam cientes de que não têm responsabilidade alguma em resolver o racismo para os brancos, mas para se manterem vivos estes sujeitos racializados precisam denunciar a ficção fantasmática das raças e suas hierarquias combatendo pela fuga os modos de serem consumidos pela racialização do planeta. Esta racialização é o que sustenta o “devir-negro do mundo” (MBEMBE, 2014, p. 14).

A noção de colonialidade é mantida aqui no sentido de que as descolonizações históricas de sociedades em relação as suas antigas metrópoles não reestruturaram as instituições de maneira a impedir a atualização colonial por tempos e espaços diversos. E isso ocorre principalmente porque o princípio de separabilidade que gera zoneamentos e ratifica hegemonias que em si constitui o princípio da ficção racial continua sendo reproduzido por todo o planeta. Denise Ferreira da Silva (2017) em sua aposta para um pensamento da pretitude aponta princípios de separabilidade e sequencialidade como características dos modos de pensar modernos que fundam e mantêm a racialização. A humanidade a partir daqueles sujeitos que se propuseram humanos corou um processo que extrai, separa, classifica e até extermina vidas dentro de um plano sequencial histórico de muitos nomes e muitas extensões e dimensões, a que podemos dizer ser o processo civilizador e a colonização os matizes dessa cromática de morte. Essa sequencialidade só

² KILOMBA, Grada. **Plantations Memories**: episodes of everyday racism. Münster: Unrast Verlag, 2010.

³ “A teoria dos ‘sujeitos-efeitos’ pluralizados dá a ilusão de um abalo na soberania subjetiva, quando, muitas vezes, proporciona apenas uma camuflagem para esse sujeito de conhecimento. Embora a história da Europa como Sujeito seja narrada pela lei, pela economia política e pela ideologia do Ocidente, esse Sujeito oculto alega não ter ‘nenhuma determinação geopolítica’. Assim, a tão difundida crítica do sujeito soberano inaugura um Sujeito” (SPIVAK, 2010, p. 25).

existe enquanto ficção, uma vez que as violências da separabilidade vêm e voltam, atualizando colonialidade e racismo de modo a quebrar as noções de tempo e espaço que sustentariam a própria sequencialidade. Trata-se de uma ficção que não respeita mais divisões de público e privado, social e individual, cultural e psicológico e outras tantas divisões comuns não somente a sociologia. Como escapar a tudo isso?

A fuga

Fugir consiste em quebrar a ficção das imagens de um mundo – o mundo Moderno Colonial Branco – como ainda sendo o Mundo do Mesmo. A operação sociológica com o trauma colonial deve ser um trabalho de cura do campo social, constantemente saturado pela violência racial do mundo, não no sentido de dizer que esse campo existe *a priori*, o que seria negar que a própria capacidade de sentir e criar atualmente são forjadas sob influência direta do mundo e sua violência. Ocorre que o trabalho sociológico com o trauma seria um trabalho de imaginação e criação de novos mundos, permitindo que as vidas de “mundos inabitáveis”⁴, tais como as vidas pretas e indígenas, encontrem um solo habitável nisso que chamamos sociedade. Mais do que uma proposta sociológica, o que as gentes pretas e indígenas fazem em teorias anticoloniais é propor modos sensíveis de não morrer. Então sobreviver a este mundo tal como nos foi dado a conhecer é uma linha sensível central em nossas obras. Como manter viva uma vida que é vida impossível por meio das ciências, das artes, das literaturas etc? Apenas por meio de algum conhecimento fugídio⁵. Disparo aqui uma sociologia que busca constantemente “reservas de vida”⁶. Além do trauma dessas gentes vir sobretudo da colonização moderna do mundo cuja base é a racialização e o capitalismo, a colonização do mundo tornou os mundos inseparáveis de uma vez por todas. A fuga diz de como os sujeitos vítimas da colonização e do racismo estão na condição de sempre fugirem como condição de não morrer, ao mesmo tempo, há a impossibilidade de sair para um fora desse mundo. Essa fuga não é necessariamente territorial física, sendo ela muitas vezes subjetiva. Não se trata de sair de um ponto e chegar a outro. Como adverte Jota Mombaça (2018), a fuga acontece porque é impossível. O conhecimento fugídio informa que a fuga se faz a todo momento como estratégia de

⁴ Em alusão contrária as “vidas habitáveis” de que fala Judith Butler (2004), que segundo a autora são os modos de vida assegurados pelas leis sociais e que estão fora de serem alvos da discriminação do Mundo.

⁵ As noções de fuga, fugitividade e fugitivo são em alusão ao conhecimento fugídio desenvolvido por Fred Moten e Stefano Harney (2013).

⁶ Achille Mbembe (2014) denomina de “reservas de vida” os processos secretos das gentes pretas em não terem suas vidas totalmente consumidas pelas as políticas de extermínio da vida denominadas pelo autor de “Necropolítica”.

vida das gentes fugitivas. Fugir é uma estratégia constantemente operada, criativamente posta em rota e extensivamente inacabada. Para realmente estarem vivas neste mundo, elas continuam a escapar cientes de que tudo é uma interminável aprendizagem sobre atravessar o meio, o antes e o depois das coisas sem ser refém de alguma temporalidade normativa. É aí que se torna possível trabalhar com o trauma sem ficar refém da sua violência, porque o trauma é sempre fantasmático, as suas imagens agem em ziguezague no tempo e no espaço. A atualização traumática somente encontra sua eficácia material e simbólica quando agindo por meio das pessoas e coisas, refazendo a estrutura de subjugação, exploração e morte o trauma continua em movimento. Essa atualização, por exemplo, costuma ser a que encontramos nas redes de informação, cultura e arte cujas imagens do racismo são atualizadas constantemente de múltiplas maneiras. A “reprodutibilidade técnica”⁷ do trauma não para de encontrar meios e formas de se atualizar. E, como se trata de uma reprodutibilidade fantasmática, até o esquecimento é produzido e reproduzido ainda como modalidade do trauma: esquecer para fazer o sujeito novamente recorrer a recursos de lembrança e não lembrança.

Assombros e a sociedade modular

Segundo Avery Gordon (2008), assombrar não é o mesmo que ser explorado, traumatizado, ou oprimido, embora geralmente envolva essas experiências ou é produzido por elas. A autora compreende que o distintivo sobre assombrar é que se trata de um estado animado em que uma violência social reprimida ou não resolvida ganha vida. Assombração levanta espectros e altera a experiência de estarmos no tempo tal como o conhecemos: a maneira como separamos o passado, o presente e o futuro. Estes espectros ou fantasmas aparecem quando o problema que eles representam e sintomatizam não está mais sendo contido ou reprimido ou bloqueado da vista. É, por exemplo, quando insistimos que passamos pela descolonização e cotidianamente continuamos a efetuar ou observar práticas coloniais, tais como os novos extrativismos e racismos que dizem muito das antigas invasões, expansões, conquistas e genocídios. Grada Kilomba (2010), por sua vez, revela isso ao afirmar que o colonialismo é vivenciado como real e que somos capazes de senti-lo cotidianamente. Segundo a autora, esse imediatismo, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico (KILOMBA, 2010). Ocorre que experencia-se o presente como se estivesse no passado,

⁷ Em alusão a obra de Walter Benjamin (1985) sobre a arte na era da reprodutibilidade técnica.

de modo que cenas coloniais do passado são reencenadas através do racismo cotidiano, em um presente que parece não imaginar um futuro livre dos assombros que vêm e voltam no tempo e no espaço.

É ciente de que precisamos atravessar nossos fantasmas rumo a uma sociedade mais justa que conseguiremos pôr em prática os processos de reparação histórica, embora a dívida colonial em sua empreita racista para com as vidas que ela despedaçou seja, como diz Denise Ferreira da Silva (2017), uma dívida impagável. Mas essa sociedade não existe num futuro após o presente, pois, ao lidar com o fantasmagórico, o futuro já acontece desde já, seja o futurismo normativo, seja as ações de quebra-lo em tentativas de instaurar um novo futuro. A distopia é a modulação de toda sociedade assombrada.

Réquiem das Raças

O racismo, por mais antigo que seja, parece não se deixa ultrapassar: ele é a abertura de violências possíveis. Daí o “devir-negro do mundo” sempre a atualizar o que seriam os novos negros do planeta. O racismo passa para dentro dos indivíduos, tanto quanto dentro de uma sociedade. Os tiros passam dentro dos corpos a serem mortos ou que já foram mortos, tanto quanto dentro do corpo social negro. O alvo é coletivo, o medo de morrer também e a ação (resistência ou fuga) deve ser, portanto, coletiva. É preciso afirmarmos que existe um corpo social negro para podermos lutar por justiça social. Um corpo social negro é aquela parte da sociedade que para a própria sociedade é um campo de inexistência social. Mas não se trata de mais um corpo localizável a servir as miras racistas, trata-se de um corpo-escape capaz de agir e reagir, de desaparecer aos olhos do poder supremacista e ao mesmo tempo de quebra-lo, um corpo que agindo no invisível faça sua força visível e afirme a existência dos seus sujeitos. Como lutar para existir quando se é um sujeito inexistente social?

Uma vez que estamos impossibilitados de não cessarmos o trauma, o que conta é como fazemos do trauma racial um fenômeno de vidência, como se de repente diante dos fantasmas víssemos o que temos de intolerável e que precisa ser combatido e víssemos também a possibilidade de estarmos em outra coisa que não seja apenas refém de uma reação a violência do racismo. É por essa outra coisa que pode ser de muitas rotas que nossas ações não serão apenas reações e, assim, estaremos construindo uma reexistência, pois o nosso programa de vida não é exclusivamente a luta contra o racismo. Somos vidas que são mais do que o medo de morrer por sermos quem somos. Não podemos esperar o próximo ataque as nossas vidas para que nos façamos existir enquanto corpo negro social.

Ataques virão e estaremos em posição além da de contra-ataque. A sociedade precisa construir novos agenciamentos para as subjetividades pretas, ela precisa desejar esses novos agenciamentos. Não há reparação histórica sem desejo de abolição e nenhum dos dois, desejo de abolir o racismo e reparar as vidas massacradas por ele, acontecem em tempos distintos. Trata-se um processo duplo, o de reparar e desejar, nesse caso. Não podemos esperar primeiro por um para se ter o outro. Então a sociedade tem que punir os racistas e educar para que não aja mais racismo, proteger as vítimas e possibilitar que as vidas alvo da ficção racial passem a existir como vidas dignas de direito a existência. A sociedade deve sobretudo propiciar esferas de autonomia para as pretitudes, porque os jogos que comandam as esferas já presentes na sociedade costumam ser jogos feitos para que o sujeito preto perca desde sempre, mesmo este sujeito sendo fetichizado que pode ter uma chance dentro do jogo, uma chance de emprego digno, educação de qualidade, etc. Somos arremessados novamente para fora por um chamado a participação no jogo. Aí que a representatividade se torna armadilha, se acreditarmos que a mobilidade de ascensão de alguns sujeitos subjugados movimentam toda a estrutura a nosso favor, pois não movimentam. Pois quando uma pessoa preta se move em ascensão dentro de campos legitimados, onde a legitimação é sempre branca, o que se move é contínuo arremessamento dos iguais aquele sujeito que parece se elevar dentro do jogo e, assim, o jogo continua a sua *doxa* e, dessa vez, ele continua pela logística da exclusão por participação. O chamado a representatividade é uma convocação ao apagamento dos iguais a você, caso nos contentemos em apenas ver alguns de nós lá. Vocês já têm as suas escritoras pretas, os seus diretores de cinema pretos, os atores e as atrizes de cor preta e agora o campo foi novamente fechado porque ele simplesmente nunca foi realmente aberto a nós. Contentem-se em verem eles usufruindo do que vocês nunca terão, mas saibam que estão usufruindo com eles porque eles usufruem daquilo tudo. Isso é uma perversão das mais terríveis! É como se essas pessoas dissessem: vejam nós estamos aqui e todas vocês também podem estar, mas simplesmente sabemos que não podemos porque ali a estrutura está fabricada para nossa constante exclusão. Nos tornamos uma peça da ficção da “inclusão” que é uma história de como fomos gentes excluídas desde sempre e agora passamos a ser excluídas novamente por meio da nossa própria participação nessa merda toda. A questão não é continuar algum projeto de dominação da estrutura se fazendo presente dentro dela, e sim quebrar a própria estrutura de dominação que se põe de pé por uma humanidade sobre as outras humanidades. Ocupar ao invés de representar, eis a força primeira para a quebra. Estar lá para denunciar que somos e continuamos

gentes excluídas. Estar lá como corpo de todas nós que manifesta nossas existências que são constantemente tratadas como inexistentes pelo próprio jogo que diz nos incluir. Todo jogo social está fixado na ficção racial e, conseqüentemente, no racismo.

Então não estou advogando algum purismo negro frente a dominação imposta pela branquitude. Estou, sim, afirmando que a branquitude não pode ser reproduzida como único modelo para locais de existências. E mais: estou informando que isso tudo não se deve à falta de conhecimento sobre os comandos sociais, pois nós gentes marcadas pela racialização sentimos desde que nascemos como todas as chamadas reformas da sociedade nos atingem. Estamos bem informadas, porém adoecidas. A nossa capacidade de energia entra em baixa frequência sempre que um dos nossos sucumbe ou é morto. Às vezes já somos anestesiados pela corriqueira possibilidade de sermos mortos. A ansiedade se torna uma companheira inseparável de nossas vidas. A reação tende a se tornar em instabilidades e amplificações da própria violência sofrida. Devolver uma violência que não foi gerada por nós parece ser a arma imediata, porém nunca é condenável ainda que seja autodestrutiva. Como construir um mundo novo e destruir a ordem racista? Como agir e reagir a violência racial? A saída não é a devolução da violência, e sim a redistribuição de forças que segregam, exploram e exterminam vidas. Trata-se de redistribuir a violência, uma vez que ela já nos foi distribuída a nossa revelia e contra nós. Como nos adverte Jota Mombaça:

A premissa básica desta proposta é de que a violência é socialmente distribuída, que não há nada de anômalo no modo como ela intervém na sociedade. É tudo parte de um projeto de mundo, de uma política de extermínio e normalização, orientada por princípios de diferenciação racistas, sexistas, classistas, cissupremacistas e heteronormativos, para dizer o mínimo. Redistribuir a violência, nesse contexto, é um gesto de confronto, mas também de autocuidado. Não tem nada a ver com declarar uma guerra. Trata-se de afiar uma lâmina para habitar uma guerra que foi declarada a nossa revelia, uma guerra estruturante da paz deste mundo, e feita contra nós. Afinal, essas cartografias necropolítica do terror nas quais somos capturadas nas condições mesmas da segurança (privada, social e ontológica) da ínfima parcela de pessoas com status plenamente humano do mundo (MOMBAÇA, 2016, p. 10).

Um corpo social negro é também um campo de forças heterogêneas e de posicionalidades diversas de ser negro e de não ser O Negro. De acordo com Frantz Fanon (2008), o que o Branco chama de O Negro é um personagem criado em uma espécie de jogo do espelho em que tudo que não é branco consiste no mal, no feio, no não desejável e em tudo aquilo que deveria ser exterminado do Mundo. Mas, ao falar em corpo social negro, falo de muitos corpos e corpos. Inerente a distopia da ficção racial, um corpo social

negro também revela o campo dos futurismos não reprodutivos da violência dessa ficção. O corpo social negro é um corpo-quilombo. Ele é arma contra os arquivos coloniais ao mesmo tempo que consiste em repertórios para novos mundos em que nós gentes pretas possamos habitá-los.

Conclusão

A proposta de uma sociologia com assuntos fantasmagóricos propicia encontrar um método de produção do conhecimento e uma maneira de escrever que poderia representar o dano e a assombração das alternativas históricas e, portanto, ricamente conjurar, descrever, narrar, e explicar os custos, as perdas, e os prejuízos dos sistemas modernos de poder abusivo em sua mediação e significado sobre o mundo. Insistir em distinções entre o sujeito e o objeto do conhecimento, entre o fato e a ficção, entre a presença e a ausência, entre o passado e o presente, entre o presente e o futuro, entre o saber e o não-saber perde o entendimento de que o elã maligno é a ficção racial que não obedece a lógicas de sequencialidade, objetividade e separabilidade desses sistemas ou simplesmente ela mostra que a separação por trás ainda é entre humanidades, mostra que a objetividade se torna sempre objetificação do outro em alguma instância e que assim a sequencialidade é o constante surgimento de novas hegemonias científicas, estéticas, políticas etc. No entanto, falar em casos de racismo por meio dos assombros não significa que o racismo em si seja um fantasma que vem e volta, e sim que ele está presente ali no mais cotidiano de nossos dias. Ocorre que a estrutura que muda e que em suas mudanças deveria zerar o jogo da ficção racial não zera. Os fantasmas surgem desse não aniquilamento das regras da ficção, mas as regras vão se tornando mais complexas e com elas a carga traumática se torna sempre mais difícil de ser curada. O jogo então permanece fantasmático, mas o que a estrutura e suas instituições representam é uma efetividade diretamente no plano real de vidas inteiras, de um real que atualiza sempre uma ficção de ódio contra determinadas raças. E, por isso, apenas imaginando um novo futuro em que a imaginação seja uma política do presente que as atualizações necropolíticas não nos alcançarão. Romper o zoneamento, zerar o jogo da separabilidade e estar em comum com o mundo, com todos os mundos: eis a dádiva por excelência.

Referências Bibliográfica

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Primeira versão (1935/36). In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre

literatura e história da cultura. (Obras Escolhidas, volume 1). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA DA SILVA, Denise. 2017. A dívida impagável: lendo cenas de valor contra a flecha do tempo. Tradução de Almicar Packer. **Revista ISSUU**, Outubro de 2017, p. 1-25. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/denise_ferreira_da_silva_-_a_di_vi. Acesso em 05 de maio de 2018.

GORDON, Avery. **Gothly matters: Haunting and the sociological imagination**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

KILOMBA, Grada. **Plantations Memories: episodies of everydey racism**. Münster: Unrast Verlag, 2010.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MOMBAÇA, Jota. 2017. O mundo é meu trauma. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017. Disponível em: <https://piseagrama.org/o-mundo-e-meu-trauma/>. Acesso em 05 de março de 2018.

_____. 2016. “Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência”. **Revista ISSUU**, p. 1-20. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_da_vi. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

MORRISON, Toni. *Beloved*. New York: Plume, 1988, p. 35-36.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. **The undercommons: Fugitive planning and black study**. Wivenhoe, UK & New York: Minor Compositions, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.